



» Entrevista | SYDNEY POSSUELO | SERTANISTA

Terceira publicação da série registra conversa com o sertanista que fez contato com os Arara nos anos 80

“A Funai não sabe a que veio”

» CRISTINA ÁVILA
Especial para o Correio

Os Arara — indígenas mais impactados pela construção da Transamazônica (BR-230), nos anos 1970, e pela Usina Hidrelétrica Belo Monte, inaugurada em 2019, próxima a Altamira, sudoeste do Pará — foram o último povo contatado pelo sertanista Sydney Possuelo pelo método das antigas frentes de atração da então Fundação Nacional do Índio (Funai), que forçava o contato por meio de presentes deixados na floresta. Ele conseguiu quebrar essa tradição, por considerá-la danosa; passou-se então a monitorar a distância o território de povos isolados, sem aproximação. Em dezembro do ano passado, há mais de 40 anos sem ver os Arara, Sydney viajou 10 dias pelo rio Iriri, na região da Terra do Meio, visitando aldeias nas Terras Indígenas Arara e Cachoeira Seca. Voltou pra casa indignado. Nos primeiros dias de janeiro, protocolou uma carta à presidenta da Funai, Joenia Wapichana, com denúncias até hoje não respondidas.

Eu estive com o sertanista na primeira semana de setembro por cerca de quatro horas no apartamento em que vive sozinho na Asa Sul, em Brasília. Vi e ouvi este homem de 85 anos com o mesmo sorriso alegre que sempre recebe convidados e a mesma postura grave e destemida que assume ao se referir aos inimigos dos povos indígenas. Ele me chamou pra conversar na cozinha, ao redor de uma grande mesa em ambiente claro e bem arrumado, onde se revelou organizado, racional, estratégico, cético, delicado, brusco por vezes, de acordo com o rumo do assunto e emocionado ao relembrar passagens históricas em que foi admirado protagonista. Ele nasceu em 19 de abril de 1940. No dia em que sua mãe paria em Minas Gerais, indígenas reunidos no México criaram o “Dia do Índio”. Sydney Possuelo trabalhou 42 anos na Funai. Criada em dezembro de 1967, ele não demorou muito para ingressar no serviço público, com a bagagem de dez anos de experiência com os sertanistas Vilas-Bôas, que criaram o pioneiro Parque Indígena do Xingu, resultado da epopeica expedição Roncador-Xingu (1945). Em 1987, Possuelo criou o Departamento de Índios Isolados, numa pequena sala do antigo prédio de três andares do órgão federal, sempre cheio de famílias indígenas que vinham dos estados apresentar demandas. Localizado na área central de Brasília, o edifício foi desocupado em 2013 por ordem da Defesa Civil por falta de segurança nas instalações. Lá, em sua sala, Possuelo montou uma espécie de micromuseu com objetos indígenas coletados em expedições na Amazônia, fotografias de sua trajetória profissional e documentos com registros de importantes momentos da política indigenista brasileira. O belo e bem tratado acervo migrou para seu apartamento na Asa Sul, em 2006.

Leia, a seguir, os principais trechos da conversa.

Wellington Magalhães



Na carta à presidenta da Funai, tu relatas graves situações nas aldeias, especialmente o descaso com a permanência de 4 mil invasores denunciados a ti pelos Arara, com destaque para o vilarejo Maribel, que já tem décadas e virou um porto fluvial no Iriri com acesso livre dentro da Cachoeira Seca.

Eu expulsei 50 mil garimpeiros para a demarcação da terra Yanomami (1992, época em que presidiu a Funai) e hoje o governo não consegue tirar 2 ou 3 mil da terra Arara. Esse povoado começou com a antiga Bannach (empresa que instalou serraria de mogno no território), está ali desde os primórdios da Transamazônica, acho que chegou antes da Funai. É um aciiinte vergonhoso. Fazem um Festival do Tucunaré todo ano (neste ano, realizou-se a 24ª edição, com palco e cantores sertanejos). Um horror, tudo com energia elétrica e com financiamento de projetos agropecuários, com apoio de prefeituras e de políticos de esquerda e de direita. “O branco pesca, toma conta do rio. Estamos na nossa terra e temos que pedir passagem a eles”, me disseram os velhinhos Arara. A terra está demarcada, delimitada. Tem invasor? Você chama a polícia e joga para fora, é só isso. Para isso tem a lei que regulamenta. Fazem reuniões e mais reuniões, debates e debates, você vê o tempo passar, os governos se sucedem e nada acontece. Todos falham. O treco está lá cada dia aumentando, que diacho é aquilo? Cadê o Ministério Público? Os índios falaram pra mim... “a gente vai lá e tem vergonha, estão na nossa terra, pegando o nosso peixe, comendo a nossa comida e a gente não faz nada”. Mas tem que ficar quietinho, senão acaba levando tiro.

Dizem que na Maribel tem famílias que descendem há quase um século de

O branco toma conta do rio, temos que pedir passagem na nossa terra, me disseram os velhinhos Arara”

seringueiros. Acho que há uma campanha pra comoção pública, para que deixem as pessoas lá.

É assim que nascem os grandes latifúndios. Os grandes jogam a classe de boa-fé lá, depois esses mesmos grileiros expulsam os pobres e vão vendendo, vira um comércio de terra. Para resolver o problema dos coitados que estão lá, existem as políticas para quilombola e várias outras políticas públicas. O índio só tem a Funai. Se a Funai falha, o índio está perdido, como está perdido até hoje. E esse Ministério dos Povos Indígenas é uma brincadeira.

Por quê?

É irrelevante. Contribui com alguma coisa para melhorar a

situação do índio? O índio hoje vive melhor do que antes do ministério? Nós sabemos que não. Quais as normas que segue? Ninguém sabe o que faz. Na minha opinião, (o ministério) veio pra dar uma satisfação nacional e in-ter-na-cional: “Olha, nós cuidamos dos índios”. A Funai é o órgão encarregado de delimitar, demarcar, responsável por educação, saúde, fazer isso e aquilo. Era só dar recursos, dar autoridade para a Funai. O que a Joenia (Wapichana, presidente da Funai) vai fazer? Não tem dinheiro, não tem gente, não tem nada. O que ela vai fazer, meu Deus? A Funai é um órgão criado por lei. Para acabar, só outra lei, o presidente da República não pode. Mas o ministério, quando chegar outro presidente,

dá uma penada, fecha esse negócio aí, e acabou.

Fui duas vezes para uma aldeia na Cachoeira Seca com a família do cacique. Pedi autorização para a Funai, fiz todos os exames médicos exigidos, em julho de 2024, e nunca tive resposta. Encontrei duas vezes, na aldeia, o responsável local da Funai pelo território Arara, ele me disse que analisaria meu pedido. Fiquei constrangida, e, sem ele pedir, prometi não sair da aldeia para onde eu fui com o cacique. Foi o único momento em toda a viagem que senti medo de verdade, pois fui alertada por pessoas de um grupo de WhatsApp que eu poderia ser processada e até mesmo ter meus equipamentos e cadernos apreendidos. Eu sabia da necessidade de pedir autorização, mas fui do mesmo jeito, os indígenas não são tutelados, eu estava com o

cacique, que é autoridade em seu território. Achas que agi errado?

Mas eu também.

Tu também o quê?

A Funai dificulta quando vou entrar em terra indígena. Estou aposentado. Pô, no Vale do Javari (AM), eu não posso entrar. Eu criei o Vale do Javari! Qualquer um, ela (a Funai) dificulta. O meu filho, Orlando, trabalha na Univaja (União dos Povos Indígenas do Vale do Javari, região no Amazonas afetada por criminosos onde foram mortos Bruno Pereira e Dom Phillips). O meu filho trabalha, é funcionário da Univaja, ele é pago para fazer o trabalho de monitoramento da terra indígena, está fazendo um excelente trabalho. Ele não pode passar em frente à Funai. A Funai não deixa ele passar com o barco, ele é proibido. Durma-se com um barulho desse.

Então isso não acontece só nos Arara.

Claro, é no país inteiro, no país inteiro eles dificultam. A Funai tem medo de gente independente, gente que vê o certo, o errado, principalmente jornalista, que vai escrever a história. A Funai tem medo porque sabe que está em falta. Tem consciência. Lá na área, não tem chefe de posto, se tivesse, ele poderia exigir a autorização. Mas a Funai não está ali pra constranger as pessoas que querem fazer matéria, é canalhice quando proíbe jornalista, etnólogo, antropólogo. Tem que deixar entrar, a menos que haja uma situação de risco, uma revolta, um surto de gripe.

O que significa dizer que a Joenia não está fazendo o que deve?

Amigos precisam dizer o que não está correto. Quando falo na Funai, não estou me referindo à presidenta. Se eu for falar da Joenia, eu falo Joenia. Mas a Funai tem uma hierarquia dentro do Estado. E está em todo lugar e não sabe a que veio. Ninguém sabe por que está ali, para que existe. Esses novos funcionários simplesmente outro dia chegaram numa frente e fizeram uma greve para ter água mineral. Hahahahahahaha. Água mineral na selva para eles, porque era muito perigoso ficar sem água mineral. A Funai, no meu tempo, era um órgão de luta. Nós transformamos a Funai num órgão de luta. Um órgão pra apoiar um povo massacrado pela sociedade nacional. Essa era a visão que tínhamos. Essas pessoas não existem mais. Ahhhhh, eu não sei. Quando eu fui atrás dos Villas-Bôas, eu era um garoto, uns 19 anos, fui atrás de aventura. Chegando lá, encontro os índios e aí mudou minha vida, a minha perspectiva, comecei a gostar do jeito de eles estarem no mundo, de como vivem. Uma sociedade tranquila. Eles são muito mais felizes do que nós. Se a felicidade pudesse ser medida pela capacidade de sorrir, os índios ganhariam, principalmente os isolados. Riem até quando dão uma topada e arreben-ta a unha. Aí, me apaixonei. Eu sou um homem apaixonado.

Wellington Magalhães



Na invasão Maribel, até esquerda apoia festival sertanejo anual em terra indígena, denuncia Possuelo